

15-10-2016 às 11:06 actualizada às 22:09

1

## Ana Gomes: Europa viola direitos humanos de muitos refugiados e alimenta negócio do tráfico

Por Fátima Moura da Silva

**A União Europeia (UE) «está neste momento a violar os direitos humanos de muita gente», afirmou a eurodeputada Ana Gomes, para quem a crise dos refugiados teve a ver com «graves falhanços» da UE, com a «falta de Europa». É preciso criar vias legais de entrada e retirar o negócio aos traficantes, defendeu, alertando que a Europa está a criar, a longo prazo, «gerações cheias de ressentimento» contra si.**

«Só vos quero dizer que a Europa está a violar direitos humanos de muita gente, de muitos refugiados e refugiadas, incluindo crianças, que estão na Grécia, Itália, por essa Europa fora. Andam por aí a vaguear, estão obviamente nas mãos das redes de traficantes», afirmou a eurodeputada, citando António Guterres quando era Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados: «Quem está a saber gerir a crise, são os traficantes e as redes de criminalidade associada que estão ligados a eles, incluindo os terroristas».

«Isso acontece porquê? Porque um dos principais defeitos do sistema de asilo, quer na versão de Dublin, quer na versão de relocação, é que não abre vias legais e seguras para as pessoas apresentarem o seu pedido de asilo, ou o seu pedido de autorização de trabalho na Europa», afirmou.

Ana Gomes, que falava sexta-feira, em Lisboa, na conferência «Mulheres Refugiadas em Trânsito entre Discriminações Múltiplas», referia-se ao Regulamento de Dublin, um sistema de regras acordado, num primeiro momento, a 15 de junho de 1990 e implementado 7 anos depois pelos então 12 Estados-membros signatários, para agilizar o processo de candidatura para os refugiados requerentes de asilo de acordo com a convenção de Genebra, das Nações Unidas. Passou posteriormente a ser aplicado nos 28 países da União Europeia, a que se somaram a Suíça, Islândia, Noruega e Liechtenstein.

No entanto, verificou-se insustentável devido à pressão nos países limítrofes criada pelo enorme fluxo de refugiados e migrantes que ali chegavam, pois o regulamento impunha que os que não tinham laços familiares no Estado-membro em que pretendiam receber asilo teriam de regressar ao país por onde entraram. No ano passado a EU adoptou um mecanismo de quotas de distribuição de refugiados entre os Estados-membros, mas este foi logo recusado pelos países do grupo de Visegrado - Hungria, Polónia, República Checa e Eslováquia - e a Dinamarca, que como o Reino Unido e a Irlanda, pode excluir-se da política de asilo da UE.

Ana Gomes frisou a injustiça que tal representava para os países da linha da frente, como a Itália e a Grécia, incapazes de acolher aquele enorme número de pessoas, que constituíam um problema comum, de toda a Europa. As divisões entre os Estado-membros acentuaram-se, depois de muitos começarem a fazer regressar refugiados aos países de entrada no espaço comum, ao abrigo do regulamento de Dublin.

O sistema de asilo comum «está completamente fragmentado», sublinhou, explicando que cada Estado tem um sistema, mas esses sistemas não se articulam entre si. «Temos um país como Portugal, um dos raros que tem frisado que está de portas abertas para receber refugiados, que já se disponibilizou a quadruplicar a quota e os refugiados não vêm. Eles estão lá para ser recolocados, e não vêm porque os sistemas de cada país não se articulam, por questões burocráticas e absolutamente kafkianas nada funciona. Temos grandes declarações políticas, mas quando chegamos à burocracia, bloqueia tudo».

«A Europa devia contar e fazer a diferença na regulação dos conflitos, na política externa, e em vez disso teve muitas vezes uma atitude contraditória, muitas vezes passiva, e é por isso que determinados conflitos escalaram», afirmou Ana Gomes, salientando que, por exemplo, enquanto António Guterres «alertava em 2008 que isto estava a acontecer e se estava a acentuar, havia uma atitude de negação por parte dos líderes europeus». «Há quanto tempos víamos isto a acontecer, as pessoas a virem a morrer no Mediterrâneo e ninguém a fazer nada e a fingir que o problema não existia e que se resolvia apenas com medidas securitárias», disse.

Ana Gomes descreve a sua experiência no terreno como «arrasadora». «Não pela nossa capacidade, porque nós temos a capacidade, não temos é tantas vezes o rasgo e a liderança política para pôr em prática as capacidades que temos», disse, advertindo ainda para as políticas xenófobas e populistas que grassam na Europa e que já «contagiam» até pessoas de esquerda, incluindo «alguns governos socialistas».

A eurodeputada referia-se ao Executivo de François Hollande, que em Março acordou com o Reino Unido a construção da «Grande Muralha de Calais» - como é chamada pelos meios de comunicação ingleses - um muro com quatro metros de altura e um quilómetro de comprimento ao longo da estrada de acesso ao porto de Calais. Deverá estar pronto até ao final do ano e destina-se a impedir a entrada de migrantes no Reino Unido.

«Estes fenómenos dos grandes movimentos vão acentuar-se, não apenas porque a conflitualidade se agravou num mundo desregulado, como também pela própria evolução tecnológica, a aldeia global, em que a mobilidade humana é acentuada. Têm conhecimento de outros espaços, não é por acaso que as pessoas querem ir para a Alemanha ou a Suécia, no fundo somos vítimas do nosso próprio sucesso, porque se construiu a imagem de que há aqui um espaço de liberdade, de respeito pela dignidade e segurança, que é o que as pessoas que vivem em situações de conflito procuram», alertou.

Ana Gomes acrescentou que, ao contrário do que pretendem passar «as forças xenófobas e populistas que pululam por essa Europa, não é de maneira nenhuma a Europa que está a ser invadida por refugiados». Os principais receptores de refugiados imigrantes são muito mais pobres que qualquer país europeu afirmou, apontando que os principais países que recebem refugiados são hoje a Turquia, Paquistão, Líbano, Irão, Etiópia e Jordânia.

«O Líbano tem 5 milhões de habitantes e tem mais de 1,5 milhões de refugiados da Síria. Imaginem, era como se aqui em Portugal tivéssemos 3 milhões de refugiados, com o impacto brutal que teria na sociedade, na manutenção dos serviços públicos, escolas, etc.

Contra as políticas securitárias, a eurodeputada frisou que «construir muros e barreiras não resolve nada na Europa».

«É evidente que estamos a fabricar pessoas como imigrantes ilegais, como podem ser legais se não têm nenhuma outra via senão meter-se ao caminho nas mãos de uma rede de traficantes e depois chegar cá e pedir asilo?», questionou, frisando que no Parlamento Europeu se tem insistido que «a única solução é abrir vias legais e seguras e retirar o negócio aos traficantes».

«Porque nós temos estado a alimentar as redes de traficantes. Os discursos securitários, esta política é anti-segurança, anti a nossa segurança, está a dar negócio aos traficantes, está a dar recrutados ao terrorismo», frisou que já no ano passado a Interpol dizia que havia cerca de 10 mil menores desacompanhados desaparecidos.

«Isto tem sido um desastre, já para não falar do que vai acontecer a longo prazo, estamos a criar gerações cheias de ressentimento contra nós. Não há justificação para esta política completamente errada», disse, defendendo também um «discurso pela positiva»: «A Europa é um continente em envelhecimento, a Europa precisa de sangue novo, só beneficia com muitas destas pessoas e muitos deles são altamente qualificados e os que não o são querem ser qualificados».

#### Leia outras relacionadas:

- [Mulheres refugiadas fogem da violência, mas não encontram segurança na Europa](#)

## Comentários

Todos os comentários estão sujeitos a moderação. O DD reserva-se o direito de apagar os comentários que não cumpram as regras de utilização. Os comentários publicados são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

1 COMENTÁRIO Diário Digital

 Iniciar sessão

 Recomendar  Partilhar

Mostrar primeiro os mais votados





Escreva o seu comentário...



**António Silva** • há 2 dias

Quando é que colocam esta tipa na prateleira é que ela incomoda até os colegas de partido. E os nossos direitos ao sossego, que obrigação tenho eu de manter quem me odeia, leva alguns para tua casa. Deves ter muitas regalias dá algum para eles ou é só paleio Devem arranjar solução para conflito e ajudar esta gente, agora não é enfiar-los na Europa

  • [Responder](#) • [Partilhar](#)

 Subscrever  Acerca do Disqus [Adicionar o Disqus](#)  Privacidade